

## Área Temática: Ensino de Administração

### O Ensino de Filosofia nos cursos de Administração. Uma Abordagem Crítica da Educação Tradicional

#### AUTORES

##### ROBERTO BAZANINI

Universidade Paulista - UNIP

roberto.bazanini@terra.com.br

##### RENATO ZANUTO PEREIRA

UNIP Universidade Paulista

renatozanuto@hotmail.com

##### HOMERO LEONI BAZANINI

homeroleoni@terra.com.br

#### RESUMO

O ensino da filosofia foi caracterizado metodologicamente, em nossas escolas, por ser meramente um amontoado de dados sobre pensadores do passado. Apregoa a existência de valores que estariam acima dos homens ao situar-se em coordenadas puramente livrescas e ideológicas. Por intermédio de pesquisa exploratória de natureza qualitativa foram entrevistados doze professores de filosofia para os cursos de administração em cinco universidades da região do ABC. Os resultados da pesquisa indicam que somente a formação simultânea dos professores em filosofia e administração pode proporcionar uma melhor qualidade de ensino, visto que é bastante problemática a concepção de uma filosofia da administração pelo enorme desconhecimento, por parte dos educadores, em relação à aplicabilidade do conhecimento filosófico na gestão empresarial resultante de uma formação acadêmica deficitária. Esse estudo analisa a forma de ensino predominante e propõe desenvolver um novo enfoque metodológico dentro da própria história do pensamento humano no qual estão presentes novas metodologias e conteúdos atualizados voltados para a análise crítica da ação quotidiana dos executivos, denominado *o Ensino de Filosofia como um processo Existencial Humano*.

**Palavras-chave:** Filosofia da administração; Formação Simultânea; Métodos de Ensino

#### ABSTRACT

The teaching of the philosophy has been methodologically characterized methodologically, in our schools, by being merely a heap of link about the thing of the past. It preaches the existent of values that would be above the men when these values are placed in some purely bookish and ideological co-ordinates. According with exploratory and qualitative researches, the considered speeches will be and interview in depth, twenty philosophy teachers for the located courses of administration in five College located in the ABC region. The results of the research indicate that only the simultaneous formation of philosophy and administration can provide one better quality of education in the philosophy applied of the administration. This study analyses that form of teaching when considering and to develop a new way of focusing a question inside human thought evolution own history appear new methodologies an updating contents through the critical analysis executive's actions, called *the teaching of Philosophy as a Human Existential Procedure*.

**Key- Words:** Administration Philosophy; Simultaneous Formation; Methods of Education;

## 1. INTRODUÇÃO

Os estudos sobre o comportamento dos administradores das organizações e seus reflexos sobre a sociedade, no início do terceiro milênio, vem despertando cada vez mais interesse em todo o mundo.

As instituições de ensino de graduação tiveram até janeiro de 1995 para adequarem à oferta das disciplinas de seus cursos, efetuando, assim, a implantação do perfil do novo currículo, aprovado pela Resolução 02/93 do Conselho Federal de Educação. Nesse novo perfil, a Filosofia é uma disciplina recomendada nos cursos de Administração em todo o Brasil, visto que é preciso proporcionar uma visão global e humanística simultaneamente à formação técnica.

Em 1996, a pesquisa PHAD (Perfil e habilidades do administrador) realizada pela ANGRAD (Associação Nacional dos Cursos de Graduação em Administração) em 1996, ouviu cem coordenadores de cursos, entre os vinculados à Associação.

### Quadro 1. Os cinco conceitos mais citados (PHAD/1996)

1. visão global e humanística: para tomar decisões num mundo diversificado e interdependente;
2. formação técnica: em administração, tanto de aspecto técnico quanto científico e prático;
3. ética: internalizando valores de responsabilidade social, justiça e ética profissional;
4. empreendedorismo: no sentido de antecipar e promover transformações; aperfeiçoamento profissional: necessidade de estudo contínuo;
5. interdisciplinaridade: visão abrangente na formação do profissional, dado o amplo mercado de atuação.

Fonte: Disponível em: [www.angrad.org.br/cientifica/arquivos](http://www.angrad.org.br/cientifica/arquivos).

Com base nesses cinco conceitos, a proposta é unir a formação profissional e com a formação humana, ou seja, integrar ciência e consciência, como enfatiza Freire (2005 69):

*a filosofia é considerada uma disciplina que possibilita uma formação humanística e crítica, a capacidade de se desprender, libertar das questões imediatas do cotidiano, da função técnica e profissional decorrente da profissão abraçada, podendo assim, avistar também as questões em longo prazo.*

Particularmente, em relação aos cursos de administração, para bem ministrar os conteúdos filosóficos à prática administrativa é necessário que os professores estejam familiarizados com essas duas áreas do conhecimento e, também que utilizem material didático compatíveis com o ensino da Filosofia voltado para um futuro administrador de empresas, como esclarece Andrade (1997:09-10):

(...) há exigências de competências de longo prazo que somente podem ser construídas sobre uma ampla base de educação geral para preparar o administrador competente, o cidadão socialmente responsável e o administrador político comprometido com o bem-estar coletivo. (...) Trata-se da qualificação real do administrador, compreendida como um conjunto de competências e habilidades, saberes e conhecimentos, que provêm de várias instâncias, tais como, da formação geral (conhecimento científico), da formação profissional (conhecimento técnico) e da experiência de trabalho e social (qualificações tácitas). A qualificação real dos administradores é muito difícil de ser observada e constitui-se mais no "saber-ser" do que no "saber-fazer".

Decorridos praticamente treze anos da implantação O PHAD/96, em decorrência dos professores de administração, possuir formação deficitária para integrar disciplinas do “saber

fazer” e do “saber-ser”, ainda, são enormes as dificuldades encontradas para escolher material didático que relacione o conteúdo filosófico às atividades de gerenciar empresas. O pensamento filosófico e a atividade de gerenciar negócios, aparentemente, parecem incompatíveis, disciplinas estranhas, cujo entrelaçamento não oferece nada de útil aos educandos (Bazanini, 2005).

A resultante faz prevalecer o estereótipo criado pelos educadores tecnicistas de que somente disciplinas consideradas objetivas como Matemática e Contabilidade são essenciais para gerir empreendimentos, enquanto as disciplinas acentuadamente reflexivas como filosofia, psicologia e sociologia são concebidas pelos alunos dos cursos de administração como altamente problemáticas. Na pesquisa realizada por Vieira (2007, 188) sobre a sistematização do pensamento filosófico, 87,14% dos alunos consideram essa sistematização altamente problemática.

Entretanto, originalmente, a filosofia (da qual se desdobrou a psicologia e a sociologia) era a ciência mãe, matriz da qual surgiram as demais ciências e é preciso ter em mente que, desde o surgimento dos questionamentos dos primeiros que filosofaram, o intuito estava em entender as coisas que nos rodeiam, pois, desde os ensinamentos de Sócrates, no século IV AC, uma das máximas do pensamento filosófico adverte que nada do que é humano pode ser estranho à filosofia e, portanto, ao exercício da reflexão.

Apesar disso, existe enorme desconhecimento por parte dos educadores em relação à aplicabilidade do conhecimento filosófico no universo do processo de gestão empresarial, visto que, na perspectiva primeira da filosofia, pode-se conceber que os filósofos são ignorantes quando imaginam que ao pensarem não estão administrando - no mínimo, estão tentando uma auto-administração, por sua vez, os administradores são ignorantes quando administram acreditando que não filosofam - no mínimo, estão filosofando coletivamente, pois uma empresa filosofa na medida em que define concepções de mundo e forma de conduta para muitas vidas por meio de sua missão, valores, postura corporativa e institucional.

Por intermédio da proposição do método de ensino da filosofia como um processo existencial humano é possível mostrar as inconveniências do ensino tradicional de filosofia como um produto acabado em nossas universidades e, ao mesmo tempo, sugerir uma forma de ensino alicerçado no método construtivista para a disciplina filosofia da administração.

Desse modo, numa visão ampla do ato de filosofar, ou seja, o ensino de filosofia como um processo existencial humano, pretende-se mostrar aqueles que se dedicaram a repensar às diferentes concepções de mundo presentes nos mais diversos setores da atividade humana podem ser considerados legitimamente como filósofos e aqueles que se dedicaram a atualizar o pensamento empresarial como filósofos do capitalismo.

## **2. OBJETIVOS**

- a. Avaliar a formação dos professores em termos de aderência à filosofia da administração.
- b. Identificar a qualidade dos recursos bibliográficos adotados.
- c. Diferenciar Filosofia da Administração e Filosofia de Administração
- d. Identificar as limitações presentes no ensino tradicional de filosofia e propor um novo método de ensino.

## **3. PROBLEMA DA PESQUISA**

A filosofia da administração objetiva integrar o conhecimento filosófico e a prática administrativa, todavia, raramente o professor possui formação nessas duas áreas do conhecimento.

Em decorrência, regra geral, o professor assume uma posição objetivista ao adotar o ensino tradicional de filosofia em detrimento do construtivismo que, certamente, exigirá do professor conhecimento nessas duas áreas do saber.

Comumente, o ensino tradicional de filosofia, por estar fundamentado nos princípios do objetivismo, postula a existência de um mundo de valores pretensamente acadêmicos, colocados à margem da vida real e, mesmo acima dela, propondo uma espécie de enfoque que pretende se autojustificar por si mesmo, ao situar em coordenadas puramente livrescas e decorativas ao invés de se preocupar com os problemas humanos e sociais do tempo presente.

Em assim sendo, no âmbito da divagação não há oficialmente filósofos da administração, nem formalmente há cursos de formação em Filosofia da Administração, uma vez que, a atividade executiva é acentuadamente prática. Então, por que falar de uma Filosofia da Administração?

Contrariamente ao objetivismo e, portanto, ao ensino de filosofia como um produto acabado, o ensino de filosofia como um processo existencial humano (Bazanini, 2007), alicerçado em uma ótica construtivista, concebe que os teóricos da administração como Taylor, Fayol, Barnard; Mayo Follet, Deming, Drucker contribuíram decisivamente, cada um ao seu modo, para superação do falso conhecimento. Então, por que não considerá-los legitimamente como filósofos do capitalismo?

### 3.1. HIPÓTESE

É bastante problemática a concepção de uma filosofia da administração pelo enorme desconhecimento, por parte dos educadores, em relação à aplicabilidade do conhecimento filosófico na gestão empresarial resultante de uma formação acadêmica deficitária.

### 4. METODOLOGIA

Por intermédio de pesquisa exploratória, qualitativa, entrevista em profundidade. Amostra por conveniência composta de 12 professores de filosofia do curso de administração de empresas pertencentes à 5 universidades particulares do ABC. O instrumento de coleta de dados elaborado por meio de questionário semi-estruturado composto de cinco questões.

#### Quadro2. Roteiro da Entrevista e Objetivos da Pesquisa

1. Possui formação em filosofia?	Em consonância com o objetivo <u>a</u>
2. Possui formação em administração?	Em consonância com o objetivo <u>a</u>
3. Qual o material didático adotado?	Em consonância com o objetivo <u>b</u>
4. Como concebe a relação entre filosofia e administração	Em consonância com o objetivo <u>c</u> e <u>d</u>

Fonte: Elaborado pelos autores

### 5. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Existem alguns trabalhos acadêmicos que discutem o conteúdo filosófico aplicado à administração. Dentre esses trabalhos pode-se destacar Mattar (1994), obra na qual um pequeno capítulo é dedicado ao estudo da administração; Bazanini (2002; 2005; 2007) discute a pertinência do conteúdo filosófico na administração; Vieira (2007) busca conceitualizar o que seria um ensino de excelência nas práticas administrativas.

Com base nos trabalhos desses autores é possível ampliar o escopo das pesquisas apresentadas em relação aos métodos de ensino tradicional e o construtivismo.

O ensino tradicional é uma proposta de educação objetivista, centrada na figura do professor. O princípio básico é a transmissão de conhecimentos por meio da aula, freqüentemente expositiva, numa seqüência predeterminada e fixa que enfatiza a repetição de

exercícios com exigência de memorização. De modo geral, para os objetivistas as experiências humanas desempenham um papel de menor relevância no que respeita à estruturação do mundo, como afirma Duffe e Jonassen (1992): “o significado é algo que existe no mundo independentemente da experiência”.

Nessa perspectiva, o conhecimento é visto como algo que existe de forma externa e independente do aluno. Tal afirmação corresponde à representação exata da realidade objetivista como esclarece (Bernstein, 1983).

Rand (1971, 12-13), escritora e filósofa russo-americana, fundadora da Filosofia do Objetivismo, desenvolve seu pensamento com base em afirmações fundamentadas acerca da metafísica e epistemologia, elaborando, respectivamente, as seguintes assertivas:

[...] A realidade, o mundo externo, é independente da consciência humana, independente do conhecimento, crenças, sentimentos, desejos ou medos de qualquer observador. Isto significa que A é A, que os fatos são fatos, que as coisas são o que são - e que a função da consciência humana é perceber a realidade e não criá-la ou inventá-la. [...]

[...] A razão humana é perfeitamente competente para *conhecer* os fatos da realidade. A Razão, a faculdade conceptual, é a capacidade que identifica e integra o material proveniente dos sentidos humanos. A razão é o único meio que possibilita o conhecimento ao Homem [...] “

Eis a essência do objetivismo: a realidade é o dado primário e a consciência dela derivada, portanto, a construção humana somente pode distorcer o conhecimento.

Contrariamente ao objetivismo, os teóricos do construtivismo constataram que o aluno é sujeito de sua própria aprendizagem, o que equivale a dizer que ele atua de modo inteligente em busca de compreensão do mundo que o rodeia, automaticamente estão dando uma grande "dica" aos educadores, e lançando também um grande desafio. É como se dissessem: "sejam o centro do processo de ensino, criem juntos com os alunos os seus próprios caminhos, descubram alternativas pedagógicas em sala de aula". (ROSA, 1997:40-41). Nesse caso, a consciência é colocado como dado primário que constrói o real.

### Quadro 3. Comparação entre o ensino tradicional e o construtivismo

Método Tradicional	Método Construtivista
O professor concebe os alunos apenas como aprendizes.	Os alunos são tidos como seres holísticos, isto é, acredita -se que para além de possuírem uma dimensão mental também possuem uma dimensão emocional e física.
O professor determina o conteúdo e o objectivo da aula. A situação na sala de aula está completamente sob o controlo do professor.	Os alunos traçam os seus objetivos e conteúdos dentro do âmbito do assunto da aula. O professor aconselha e questiona, mas dando-lhes espaço de manobra.
Os alunos são motivados por algo exterior, por exemplo, pelo professor.	Os alunos são na maior parte das vezes motivados intrinsecamente.
Os conteúdos são subdivididos em pequenas unidades de modo a facilitar a aprendizagem.	Os alunos são confrontados com uma situação real complexa e têm de encontrar uma posição adequada para si mesmos.
Assume-se que cada aluno é capaz de	Os alunos constroem os seus próprios

aprender a mesma matéria dentro do mesmo espaço de tempo a uma velocidade idêntica.	métodos para obterem conhecimento.
Cada aluno aprende por si e para si.	A aprendizagem funciona melhor em grupo.
Cada estudante adquire conhecimento, sendo este o mesmo para todos.	Os estudantes constroem a sua própria interpretação dos conteúdos da disciplina.
O professor fornece respostas modelo (solução orientada).	O professor confronta os alunos com questões, motivando-os a encontrar as suas próprias respostas (problema orientado).
Aprender para os testes é na maior parte das vezes apenas sucesso em curto prazo.	Aprender é um sucesso em longo prazo.
Comunicação unidirecional no ensino e na aprendizagem. O professor fala e os alunos ouvem.	o professor encoraja o diálogo entre os alunos.

Fonte: Elaborado pelos autores com base em Rosa (1997)

As características do objetivismo, transposto para o ensino de filosofia, faz com que o conteúdo ministrado se configure como um produto acabado e não um processo de reflexão, veiculados, principalmente, em forma de manuais.

Inversamente às características do ensino tradicional, o construtivismo busca encorajar o diálogo dos professores com os alunos, motivando-os a encontrar suas próprias respostas como propõe Bazanini (2005, 43.) ao explicar as bases do ensino de filosofia como um processo existencial humano:

*O ensino de filosofia como um processo existencial humano rompe radicalmente com a educação elitista e comprometendo-se verdadeiramente com a reflexão crítica. Num contexto de massificação, de exclusão, de desarticulação da escola com a sociedade, o método dá sua efetiva contribuição para a formação de uma sociedade democrática ao propor um projeto educacional radicalmente democrático, reflexivo e comprometido com o presente.*

Todavia, de modo geral, uma das primeiras dificuldades encontradas para aplicação do método construtivista em sala de aula (Vygotsky 1998) diz respeito à falta de capacitação do professor em relação ao conteúdo a ser ministrado, visto que, a principal função pedagógica, nessa modalidade de ensino está em orientar metodologicamente os educandos, motivando-os para que encontrem suas próprias respostas diante dos problemas apresentados numa relação dialógica, ou seja, a consciência é colocada como dado primário responsável pela construção do real.

## **6. RESULTADOS DA PESQUISA**

Os resultados da pesquisa apontam a não aderência ideal dos professores à disciplina filosofia da administração, fato esse, que certamente, inviabiliza a efetiva operacionalização dos cinco conceitos mais citados no PHAD/96, disposto no Quadro 1.

Por essa falta de aderência, os demais itens são altamente prejudicados, visto que se constituem em decorrências: o suporte midiático escolhido, o método de ensino utilizado e o próprio conhecimento do conteúdo da disciplina.

#### Quadro 4. Resultados da pesquisa

Prof.	Área de Formação	Suporte midiático	Método de Ensino	Diferenças entre filosofia da administração e filosofia de administração
P1	Sociologia	Internet	Resumos	Não sei
P2	Contabilidade	Nenhum	Trabalho em grupo	Para mim é a mesma coisa
P3	Filosofia	Battista Mondin	Aula expositiva	Não sei
P4	Contabilidade	Battista Mondin	Aula expositiva	Não sei
P5	Administração	Haddock Lobo	Resumos	Não sei
P6	Administração	Haddock Lobo	Resumos	Para que achar pelo em ovo?
P7	Psicologia	Gonzáles Truck	Leitura	Não vejo diferença
P8	Administração	Nenhum	Leitura	Não sei
P9	Administração	Nenhum	Resenhas	Não sei
P10	Economia	Gonzáles Truck	Aula expositiva	Se existe alguma diferença me explique
P11	Administração	Internet	Resumos	Para mim de e da são a mesma coisa.
P12	Administração e Contabilidade	Internet	Resumos	Não sei

Assim, dos 12 professores entrevistados, 6 são bacharéis em Administração e apenas 1 professor possui formação em filosofia. Ressalte-se que nenhum dos professores possui simultaneamente formação em administração e filosofia. Como suporte midiático 3 professores utilizam textos da INTERNET; 6 adotam manuais e 3, não adotam nenhum tipo de suporte. Quanto as diferenças de significado entre filosofia de administração e filosofia da administração nenhum professor (inclusive o licenciado em filosofia) soube diferenciar satisfatoriamente o significado dos termos, denotando, assim, dificuldades para relacionar filosofia e administração.

## 7. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os resultados da pesquisa indicam que nenhum professor possui formação conjunta em filosofia e administração o que aponta para a não utilização do método construtivista, visto que, toda e qualquer discussão temática exige domínio do orientador sobre o conteúdo

discutido, confirmado pelo predomínio dos manuais como recurso didático, recurso esse caracteristicamente presente no ensino tradicional e, conseqüentemente do ensino de filosofia como um produto acabado.

Outro ponto que merece destaque é a incapacidade dos entrevistados em diferenciar filosofia de administração e filosofia da administração.

A filosofia de administração é apenas uma forma pessoal de um administrador exercer sua atividade, da mesma maneira que qualquer profissional pode ter sua própria maneira de ver sua profissão, podendo ou não adotar certas linhas de pensamento ou certas correntes ou teorias. Por exemplo: o administrador pode definir-se como sendo da linha burocrática, ou democrática, ou ditatorial, ou como adepto de qualquer outra forma ou maneira de gerenciar ou planejar. Neste sentido - filosofia de trabalho – uma filosofia de administrar é apenas uma escolha pessoal de um profissional, nem sempre consistente ao longo do tempo.

Por sua vez, a filosofia da administração possui pretensões mais amplas: busca entender conceitualmente as diferentes concepções de mundo e as formas de conduta delas decorrentes no universo da administração relacionado-os ao seu objeto. Entendimento esse, que não é exclusivo ao universo dos executivos e, portanto, pode ser estendido aos diferentes ramos do conhecimento humano. Por exemplo: As diversas concepções e questionamentos do termo justiça estão presentes na Filosofia do Direito; as diversas concepções e questionamentos do belo, na Filosofia da Arte; as diversas concepções e questionamentos sobre Deus, na Filosofia da Religião; as diversas concepções e questionamentos sobre eficiência e gerenciamento, na Filosofia da Administração e assim por diante.

Assim, na perspectiva construtivista, o ensino de filosofia caracteriza-se por controvérsias, conveniências e críticas, inexistente, na perspectiva objetivista que busca, acima de tudo, disseminar certezas por intermédio da compilação de manuais.

## **7.1. Desserviço dos manuais ao ensino de filosofia**

Os resultados da pesquisa (Quadro 4) indicam que dos 12 professores entrevistados, 6 adotam manuais como recurso didático. Aleatoriamente, foram analisadas algumas passagens desses manuais com intuito de obter subsídios para comentários sobre os conteúdos.

### **7.1.1. Curso de Filosofia – Battista Mondin**

Dois professores utilizam como suporte didático o manual intitulado “Curso de Filosofia” de Battista Mondin. O referido manual não faz nenhuma relação entre filosofia e administração, sendo, portanto, bastante genérico. Mondin (1985, 7) define a Filosofia como “amor à sabedoria e sem fins práticos, atividade meramente contemplativa.

*- O que é filosofia?*

*- Filosofia é uma palavra de origem grega que significa literalmente “amigo da sabedoria”. Narra-se que o termo foi inventado por Pitágoras, que certa vez, ouvindo alguém chamá-lo de sábio e considerando esse nome muito elevado para si mesmo, pediu que o chamasse simplesmente de filósofo, um amigo da sabedoria.*

*... Quanto ao objetivo, a filosofia não busca fins práticos e não têm interesses externos como a ciência, a arte, a religião e a técnica, as quais de um modo ou de outro, sempre têm em vista, alguma satisfação ou vantagem. A filosofia tem como único objetivo o conhecimento, ela procura a verdade, prescindindo de eventuais utilizações práticas.*

*... A filosofia tem uma finalidade puramente teórica, ou seja, contemplativa, ela não procura a verdade por algum motivo que não seja a própria verdade.*

Analisando o conteúdo apresentado, percebe-se que o autor do manual, no primeiro momento, define o termo filosofia; a seguir argumenta sobre a finalidade da filosofia.

Filosofia, diz o autor, é “amor à sabedoria”. Algo idílico. Prossegue: “a filosofia não tem fins práticos”.

Nessa passagem, o autor propõe o ato de filosofar como sinônimo de divagar. É mais do que evidente as falácias e os dogmatismos dessas afirmações: um conhecimento que seja “amor à sabedoria”, “sem fins práticos”, só pode ser mesmo “assunto difícil”, “coisa para alguns”. Estereótipo esse, admitido por muitos que se iniciam no estudo da filosofia. Frases soltas como essas, fora do contexto, com juízos de valor marcadamente arbitrários são características presentes no ensino da *filosofia como produto acabado*.

### **7.1.2. A Filosofia e sua Evolução: Pequena História do Pensamento Humano**

Dois professores utilizam como suporte didático o manual denominado “*A Filosofia e sua Evolução: Pequena História do Pensamento Humano*” de Roberto Haddock Lobo. *Haddock Lobo (1986, 183) concebe a filosofia como colunismo social ao se referir a Leibniz, considerado, por ele, como um filósofo insincero.*

*... os filósofos, por maiores que sejam, tem os defeitos verificados entre os demais homens. É difícil, porém, compreender uma pessoa de tão excepcional inteligência, como Leibniz, haja prejudicado sua obra, por atitudes próprias de gente obcecada com uma forte segurança econômica, com status social e, principalmente, com a opinião de pessoas famosas ou alto colocadas.*

*Essas falhas de Leibniz não provém da apreciação de suas obras e de alguns aspectos bem pouco aceitáveis da mesmas. São conhecidas através de provas tangíveis. Foram encontradas, em suas gavetas, manuscritos que expressavam pontos de vista inteiramente diferentes dos expostos nos livros por ele publicados.*

- Que estranho tudo isso!

Diz o autor do manual: “Essas falhas de Leibniz não provém da apreciação de suas obras e de alguns aspectos bem pouco aceitáveis da mesmas”.

- Quer dizer: vamos deixar de lado a obra e falar do homem. E mais: quais os aspectos bem pouco aceitáveis das mesmas? Por que o autor não cita a fonte de tal descoberta?

- Que provas tangíveis são essas que tantos desconhecem?!

- “Foram encontradas ...”

- Quem as encontrou?!

- Em que lugar?!

- Que dizia?!

As conseqüências dessa postura que pode ser denominada *argumento ad hominem* são catastróficas para a reflexão filosófica.

- Que significado terá para aquele que se inicia na filosofia a “afirmação de um filósofo insincero”?!

- Com que “courage” o leitor se precaverá contra a obra de tal pensador?!

Se existissem provas como o autor afirma, essas deveriam ser apresentadas e, o fato de se denunciar o impostor, seria um bem para a filosofia, uma espécie de investigação relacionada à Crítica Genética, importante vertente construtivista que privilegia o processo para entender o produto, como esclarece Neefs (1988, 16-21):

*O que está em jogo é a variação dos estados, a confrontação de uma obra com todas as possibilidades que a compõem, tanto com relação ao que vem antes quanto ao que vem depois, é a mobilidade complexa e a estabilidade precária das formas. (...) o que importa é tentar compreender processos de invenção intelectual e estética que, através de tais atividades especiais, próprias de uma obra ou de um grupo de obras, podem caracterizar um gênero, um tempo, uma atividade cultural.*

Todavia, em nenhum momento o autor do manual busca caracterizar a origem do texto, muito pelo contrário, pelo desconhecimento do fato por parte dos estudiosos de filosofia, pela omissão das fontes e do contexto no qual tal fato ocorreu, pode-se deduzir que esse acontecimento só é de conhecimento do autor do manual que, ao invés de assumir a postura de um pesquisador acadêmico, procede como um colunista social mal intencionado, ao empregar oração com sujeito indeterminado: “foram encontradas...”, “são conhecidas através de provas tangíveis...”

É importante advertir que um dos primeiros requisitos de um trabalho acadêmico está em possuir rigor, clareza e transparência.

### **7.1.3. História da Filosofia – O Drama do Pensamento através dos Séculos**

Três professores utilizam como suporte didático o manual “*História da Filosofia – O Drama do Pensamento através dos Séculos*” de Gonzáles Truc.

Pelo próprio título do livro espera-se encontrar as controvérsias, as conveniências e críticas delas decorres, afinal, a referência diz respeito ao drama do pensamento humano. Contudo, o conteúdo apresentado é essencialmente “uma conversa de comadres”. Ao expor o pensamento do filósofo Friederich Nietzsche, o autor do manual tece comentários bastante semelhantes a um copista medieval (Truc, 241):

*O seu erro foi não ter querido ver que existe uma boa consciência cristã simplesmente. Não quis aceitar a Deus. Guindou o homem ao primeiro lugar. Ora, o homem deve vir sempre em segundo lugar, estar sempre subordinado a alguém, ainda que esse alguém seja alguma coisa. Foi precisamente isso que lhe falseou o sistema. Esse sistema era uma moral. Talvez não se tivesse transviado a tal ponto se ele o houvesse precedido de uma metafísica.*

Que enorme despropósito filosófico! Além do proselitismo religioso, o autor do manual parece pretender voltar a era mitológica, pré-filosófica, animista, sujeitar o homem ao mito, ao totem ou qualquer ídolo, não importa, pois, importa que o homem esteja sujeito a alguma coisa.

Pela análise dessas passagens desses três manuais pode-se conceber os dogmatismos presentes na ótica objetivista que concebe a *filosofia como produto acabado*.

Como foi dito anteriormente, além de nenhuma menção ao universo da administração, é importante ressaltar que essas passagens foram encontradas aleatoriamente, certamente, inúmeras outras passagens e mesmo, outros compêndios, certamente, possuem aberrações semelhantes incompatíveis com o rigor necessário à postura acadêmica. Porém, foge ao objetivo do presente artigo aprofundar-se na análise de outras passagens ou estender-se a outros compêndios.

## **7.2. O Ensino De Filosofia Como Um Processo Existencial Humano**

Enquanto o ensino de filosofia como um produto acabado define a filosofia como amor a sabedoria, a Filosofia concebida como um processo existencial humano define a filosofia como uma concepção de mundo da qual se deduz certa forma de conduta. Concepção essa a reflexão considerada como uma atividade, semelhante a uma função terapêutica, dado que seu objetivo é pôr fim, ao objetivismo e pretensões decorrentes da incorreta formulação dos problemas no âmbito do ensino da *filosofia como um produto acabado*.

A concepção construtivista retoma, como os primeiros que filosofaram, a concepção de que a finalidade da filosofia é o esclarecimento lógico dos pensamentos decorrentes da situação contingente em relação aos elementos centrais da existência: a morte, a doença, o nascimento, a guerra, a liberdade, a escravidão, o contato com os semelhantes, o envelhecimento, a revolução, o universo, o trabalho, etc.. Elementos esses que se

constituíram, desde sempre, em reflexões filosóficas por serem pontos de referência da condição humana.

Entende que filosofia não pode ser reduzida a uma mera seqüência cronológica, ou simples transferência de dados sobre pensadores e sistemas. O que é fundamental no universo da filosofia não é a simples congregação seqüencial de elementos, mas a unidade de seu conjunto, o resultado de suas interações. É necessário também, atualizar os conhecimentos, repensar a filosofia, não em termos de se atualizarem os conceitos, mas sim, em termos de práxis cotidiana, como explicar Heller (1985,40): *A filosofia não vivida não é autêntica, não cumpre a função de filosofia, portanto, deve fazer da própria filosofia, atitude.*

*A filosofia como processo existencial humano* parte do pressuposto que o ser humano tem muitas capacidades: a capacidade de pensar, de agir, de amar, de escolher e de se integrar dinamicamente à sua realidade. Sartre (apud Cerleti e Kohan (1998, 49) faz uma interessante reflexão sobre o ensino de filosofia ao afirmar: o docente de filosofia deve ensinar os alunos a livrar-se dos preconceitos, daquilo que os impediria de compreender algo, ou daquilo que os faria compreender muito rápido.

Por intermédio do método construtivista é possível observar o pensamento filosófico em atividade e acompanhá-lo em uma de suas tarefas fundamentais: a organização da vida interior do homem, através da reflexão crítica e consciente do ser humano situado no mundo.

Reflexão essa, que pode ser adequadamente estendida aos pensadores voltados para a produtividade, uma vez que ao transcender o mero empirismo reinante no universo de gerir empreendimentos propiciaram enormes contribuições para o saber administrativo. Os filósofos do capitalismo legaram, para o universo do conhecimento, a contínua busca da eficiência, dando origem às mais diferentes vertentes do pensamento administrativo. Os teóricos do capitalismo como *Frederick Taylor, Henry Fayol, Chester Barnard; Mary Parker Follet, Elton Mayo, Dale Carnegie, W. Edwards Deming, Peter Drucker* e outros, paradoxal e erroneamente desprezados pelos acadêmicos, uma vez que contribuíram decisivamente, cada um ao seu modo, para atualização e superação das formas antigas do conhecimento, incorporaram-se legitimamente na condição de filósofos e podem ser classificados ao lado dos grandes cultores da inteligência humana.

Em consonância com a própria natureza do pensar filosófico que tem na reflexão pessoal, o objetivo central da aprendizagem, entende-se que o *ensino tradicional de filosofia* é um paradoxo: a filosofia colocada em contradição consigo mesma.

Descartes (1968, 86) há mais de quatro séculos, condenava esse tipo de ensino, como um jogo perigoso e obscuro aos quais alguns “intelectuais” pretendiam reduzir à filosofia:

*A obscuridade das distinções e dos princípios de que se servem permite-lhes poderem falar de tudo com tanta ousadia como se nada ignorassem, sustentando aquilo que dizem contra os mais sutis, sem que exista qualquer meio de convencê-los Parece-se nisso a um cego que para medir-se sem desvantagens para si, com uma pessoa dotada de visão, a fizesse penetrar em uma adega muito escura.*

A passagem acima pode constituir instrutivo exemplo da má formação do professor de filosofia da administração que, conforme dados revelados da pesquisa, não possui formação nesses dois respectivos campos do saber, sendo, portanto, forçado a adotar o método de ensino de filosofia como produto acabado, metaforicamente, “adega muito escura”.

### **7.3 Premissas fundamentais**

Com base nas pesquisas realizadas por Bazanini (2005) é possível inferir algumas premissas básicas da contribuição do método construtivista e do ensino de filosofia como reflexão crítica.

O ensino de filosofia como um processo existencial humano, sendo construtivista e, portanto dialógico manifesta a importância da alfabetização metodológica, partindo do estabelecimento dos elementos que servem como três premissas básicas:

### **1) controvérsias, conveniências e crítica**

1a. CONTROVÉRSIAS – Qualquer tema relacionado às ciências humanas possui, no mínimo, duas posições aceitáveis porque a característica básica do raciocínio válido nas ciências humanas está em apresentar argumentos que estejam fundamentados minimamente na lógica, na teoria do conhecimento, na ética. Sendo assim, aquele que afirma o contrário do proposto pode estar tão certo quanto aquele que anteriormente fez seu enunciado, desde que argumente com fundamentação em defesa da sua posição.

1b. CONVENIÊNCIAS porque a opção por feita por alguém em decorrência das controvérsias interessam aos propósitos de seu autor, seja pela peculiaridade de seu temperamento, sua posição social, seja pelo interesse de seu grupo e assim por diante. Então, se há controvérsias, existem conveniências em se escolher uma posição em detrimento da outra, existe, portanto, escolha, e se existe escolha a crítica é legítima.

*1.c. CRÍTICA – apresentar um novo ponto de vista sobre a conveniência de alguém.* A história da filosofia é repleta de exemplos que caracterizam a capacidade de dizer não com fundamentação como substrato da evolução do pensamento. Por exemplo: Sócrates diz não com fundamentação aos sofistas; Aristóteles diz não à Platão; etc.. Na história da administração: Elton Mayo diz não à Frederick Taylor; Abraham Maslow dirá não à Peter Drucker, etc..

### **2. Nada do que é humano pode ser estranho à filosofia**

Partindo-se da premissa que nada do que é humano possa ser estranho à discussão filosófica, no século IV. a.c., Xenofonte, no livro IV- Capítulo VII dos Memoráveis (apud Cavalcante) fornece instrutivos exemplos dessa concepção ao relatar alguns dos ensinamentos de Sócrates:

*... Ensina-lhes também até que ponto deve o homem versar-se em cada ciência. Assim dizia dever aprender a geometria, o necessário em caso de precisão, medir-se exatamente um terreno que se queira comprar vender, dirigir ou lavrar. O que é tão fácil – acrescentava – que por pouco que se dedique à agrimensura pode se conhecer a grandeza da terra e a maneira de medi-la... Recomendava aprender-se de astronomia o bastante para viajando-se por terra, por mar ou, estando-se de guarda, reconhecer as divisões da noite, mês e ano e ter pontos de referência para tudo o que faça na noite, mês ou ano. Acrescentava ser fácil aprender esses pontos com os caçadores noturnos, pilotos e todos aqueles que tem interesse em sabê-los.*

Parafraseando os ensinamentos de Sócrates, poderíamos acrescentar que, contemporaneamente, na perspectiva construtivista é preciso analisar a inteligência, a astúcia e coragem dos empreendedores contemporâneos presentes nas mais diferentes teorias da administração, como propôs na primeira metade do século XX, o pensador e educador norte americano Dewey (1985), ao enfatizar quão bom seria se a filosofia estivesse voltada mais para os engenheiros e advogados do que simplesmente se voltar única e exclusivamente para a formação de padres.

### **3. Os Paradigmas legitimam a pertinência do pensamento**

No conceito científico paradigma é um modelo de padrão a ser seguido, um conhecimento que sirva de base para um estudo de uma realização científica com métodos e

valores a serem usados em outras pesquisas e estudos. *Khunn* (1962) defendeu que os grandes progressos da ciência não resultam de mecanismos de continuidade, mas sim de mecanismos de ruptura de paradigmas. Quando um novo paradigma vem a substituir o antigo, ocorre aquilo que Kuhn chama de revolução científica.

Drucker (1999) define os paradigmas em Administração como um conjunto de modelos, normas e padrões que diferenciam os vários tipos de linguagens de gerenciamento existentes, a partir de seus princípios, funcionalidades e objetivos. Bazanini (2007) elenca os elementos comuns desses paradigmas, tais como Inteligência, Afeição ao Conhecimento, Coragem e os elementos diferenciadores: à Astúcia (na perspectiva funcional) e a Bondade (na perspectiva humanista).

#### **Quadro 5. Comparativo de Paradigmas em Administração**

<p><b>Paradigma Humanista-Radical</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ O homem acima de tudo</li> <li>▪ Concepção Colaborativa</li> <li>▪ Relação ganha-ganha</li> </ul> <p>Atributos:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Inteligência</li> <li>▪ Afeição ao Conhecimento</li> <li>▪ Coragem</li> <li>▪ BONDADADE</li> </ul> <p>Finalidade: A felicidade</p>	<p><b>Paradigma Construtivista-Funcional</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ O sistema social acima de tudo</li> <li>▪ Concepção Competitiva</li> <li>▪ Relação ganha-perde</li> </ul> <p>Atributos:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Inteligência</li> <li>▪ Afeição ao conhecimento</li> <li>▪ Coragem</li> <li>▪ ASTÚCIA</li> </ul> <p>Finalidade: O sucesso</p>
--	--

Fonte: Bazanini (2007,37)

Temos assim, filosoficamente, duas orientações metafísicas diametralmente opostas: a bondade proposta por aqueles que descobriram que cada um de nós faz parte de um todo e parte daqueles bens que alcançamos devemos compartilhar com o próximo, cujo princípio básico remete ao Princípio da Responsabilidade Social. A Astúcia proposta por aqueles que concebem que cada um de nós só alcançará sucesso derrotando os oponentes, como num jogo de soma zero, no qual só os mais astutos sobrevivem. É preciso que muitos percam para que alguns vençam. Essa orientação está relacionada ao Princípio do interesse do Acionista.

As discussões entre os atributos de Bondade e Astúcia provocam inúmeras discussões éticas entre os adeptos da Teoria da Responsabilidade Social (Carrol, 1999) em sintonia com o paradigma humanista-radical e os adeptos da Teoria da Maximização do Lucro dos Acionistas (Friedman, 1999) em consonância com o paradigma construtivista-funcional.

#### **7.4. Duas orientações básicas**

Com base na dicotomia dos atributos de Astúcia e Bondade, na perspectiva do pragmatismo crítico proposto por Dewey (1985), uma sociedade desenvolvida deve avaliar um determinado procedimento em termos de suas vantagens e desvantagens.

#### **Quadro 6. Interesse do acionista versus Responsabilidade Social**

<p><b>Doutrina da Responsabilidade Social</b></p> <p>As empresas são depositárias de recursos sociais</p> <p>As empresas existem com a autorização da sociedade</p>	<p><b>Doutrina do Interesse do Acionista</b></p> <p>A responsabilidade primária da empresa é defender o interesse de seus acionistas.</p> <p>Defendendo o interesse do acionista, a empresa faz o que sabe fazer melhor e beneficia a sociedade pela produção de</p>
--	---

As empresas tem a obrigação de agir segundo os interesses da sociedade	riquezas. Não cabe à empresa resolver problemas sociais que pertencem ao âmbito das organizações de caridade e do governo.
--	---

Fonte; Bazanini (2007, 147).

Drucker (1999), adepto da doutrina do Interesse do Acionista concebe que qualquer que seja o paradigma, a administração deve definir os resultados que espera alcançar e depois organizar os recursos da organização visando obter esses resultados. Por sua vez, humanistas como Maslow (1968) criticam radicalmente essa postura pragmática e utilitária.

Com base nessas duas orientações diametralmente opostas é possível relacionar a filosofia da administração com as diferentes ramos do conhecimento humano. Um excelente recurso que o professor de filosofia da administração pode dispor para despertar os interesses dos alunos, está em relacionar os paradigmas da administração com peças de cinema e teatro.

O filme *Tempos Modernos*, protagonizado pelo comediante inglês Charles Chaplin denuncia a desumanização das indústrias de antigamente. O líder trata seus subordinados como meros recursos a serem alocados no processo produtivo. Os funcionários não tinham permissão expressar qualquer opinião e nem sequer pensar. Tinham apenas que ser eficientes nas tarefas que eram incumbidos de realizar. O filme retrata a situação do trabalhador nos primeiros anos do século XX, na época em que imperava, soberanamente, o modo de produção Taylorista (Frederick Taylor) e o Fordismo (Henry Ford), cuja orientação se volta para a Doutrina do Interesse do Acionista.

A peça teatral *A Morte do Caixeiro Viajante* mostra a vida trágica de Willy Loman, um vendedor que trabalhava como viajante para a Companhia Wagner há mais de 34 anos. Entretanto, com a idade de 60 anos já não consegue executar o seu trabalho com a mesma desenvoltura da época em que era mais jovem. Após algumas depressões nervosas, busca encontrar um outro posto de maneira a poder trabalhar mais perto de sua casa, mesmo que para isso tenha de reduzir seu salário. O dono da empresa é Howard, cujo pai fizera inúmeras promessas a Willy. Howard termina a conversa dizendo a Willy que a companhia não precisa mais dele. Willy fica arrasado. Sente-se como “o bagaço de uma laranja”, pois a empresa havia abocanhado 34 anos da sua vida como se fosse um caroço de fruta e agora jogava fora aquilo que dele sobrava.

Contrariamente, a concepção desumana da atividade empresarial descrita nos exemplos acima, na perspectiva da Doutrina da Responsabilidade Social O filme “O Amor é Contagioso” de Robin Williams retrata bem a visão humanista. Patch Adams é um médico diferente. O melhor remédio para ele é o humor e o riso. Trata seus pacientes como gente e os chama pelo nome enquanto os outros médicos os chamam de paciente associando-os à doença. Encontra médicos, enfermeiros e um corpo técnico de voluntários que tratam as pessoas sem a distância profissional da medicina tradicional, o que melhor a qualidade de vida de todos os envolvidos.

Outro exemplo bastante sugestivo está presente no filme “O Resgate do Soldado Ryan”. O filme retrata o planejamento aplicado às operações de guerra, relacionado ao trabalho em equipe, solidariedade e a conseqüente importância de um líder e as habilidades que este deve possuir para lidar com as situações mais conflituosas sem perder o controle. A motivação é descrita como elemento essencial para a conquista de metas relacionadas ao interesse de todos. Enfim, o método construtivista possibilita resgatar a afirmação de Freire (2005) segundo a qual, é tarefa da filosofia propiciar uma formação humanística e crítica para desenvolver no estudante, a , a capacidade de se desprender e se libertar das questões imediatas do cotidiano e, para isso, torna-se imprescindível a formação satisfatória do

*professor e a reciclagem contínua nas disciplinas* que esse mesmo professor pretende lecionar.

## **8. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O intuito desse artigo foi mostrar que o problema da educação é basicamente estrutural. Envolve a baixa qualificação do professor, cuja resultante é a utilização de recursos didáticos simplistas, mormente, manuais simplificadores que apresentam o conteúdo da disciplina de uma maneira vulgarizada e objetivista. A falta de formação do professor em filosofia e administração simultaneamente produz a tendência de opção pelo ensino de filosofia como um produto acabado, por isso, é problemática a concepção de uma filosofia da administração.

O ensino tradicional de filosofia propõe uma concepção arcaica de filosofia como privilégio de alguns eleitos, uma espécie de aristocracia do espírito, ocupação de solitários, o apanágio de grupos fechados, divorciados da vida e estranhos à atividade no mundo, decorrente da posição objetivista. A prática em sala de aula consiste na transmissão pelo professor aos alunos de informações sintetizadas previamente, estabelecidas e aprovadas pela tradição, sem qualquer reflexão crítica.

Dessa forma, vulgarizado o ensino de filosofia deixa de ter atualidade e praticidade, convertendo-se em uma aprendizagem anacrônica, baseada na memorização de definições, dados e preceitos que não respondem, minimamente, a nenhuma das indagações dos educandos, sendo, por isso, incapaz de interessar com esse seu despropósito àqueles que se iniciam no estudo de filosofia da administração.

Contrariamente a essa vulgarização, método construtivista concebe a filosofia como processo existencial humano e parte do pressuposto que o ser humano tem muitas capacidades: a capacidade de pensar, de agir, de amar, de escolher e de se construir dinamicamente à sua realidade.

Entretanto, para aplicação do método construtivista e a efetiva prática do ensino de filosofia como um processo existencial humano, o professor necessita de uma formação razoável nesses dois campos do saber, pois, é impossível ao professor assumir o papel de orientador e mediador de uma relação dialógica se não dominar, satisfatoriamente, os temas da filosofia e da administração em seu conjunto. E, para isso e preciso saber reconhecer, dentre outras premissas, a importância das controvérsias, conveniências e crítica nas ciências sociais aplicadas, a aplicabilidade dos paradigmas e as relações que esses estabelecem com os demais ramos do conhecimento humano

Portanto, somente com formação pedagógica adequada em filosofia e em administração será possível ao professor conceber a pertinência dos pensadores da administração como filósofos do capitalismo, utilizar suporte midiático compatível com a construção do pensamento filosófico como um processo existencial e humano e, assim, pensar a filosofia fundamentalmente como uma metodologia, como um modo especial de análise assentada em uma função clarificadora, definidora de campos de sentido e de legitimidade ao ser capaz de resgatar significados de uma forma holística, em consonância com o dinamismo da sociedade industrial moderna, contida na terceira premissa do método empregado nesse trabalho: “nada do que humano pode ser estranho à filosofia”.

Evidentemente, essa pesquisa possui inúmeras limitações: amostra reduzida, análise de apenas três manuais e, principalmente, abordagem de apenas uma vertente do método construtivista no ensino de filosofia. Sugere-se, para futuras pesquisas, a busca de outras abordagens construtivistas efetivamente aplicadas na disciplina Filosofia da Administração.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ANDRADE, R.O.B. **A História, Realidade e Perspectivas do Ensino de Administração do Brasil.**(Presidente do CFA e da CEEAD / SESU / MEC) - Relatório da palestra proferida

no II Seminário Nacional sobre a Qualidade e Avaliação dos Cursos de Administração, realizado no auditório da Universidade Federal do Espírito Santo, de 25 a 27 de agosto de 1997 / Xerocopiado.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO.

**Pesquisa PHAD/96 – Perfil e Habilidades do Administrador da ANGRAD.** São Paulo:

ANGRAD, 1996. Disponível em: [www.angrad.org.br/cientifica/arquivos](http://www.angrad.org.br/cientifica/arquivos). Acesso em: 12.06.2009..

BAZANINI, Roberto. **O Ensino de Filosofia como um Processo Existencial Humano. O Método Bazanini no Ensino de Filosofia. Filosofia aplicada à Administração.** São Paulo, Plêiade, 2005.

\_\_\_\_\_. **Visão Filosófica das Estratégias em Administração: Há Controvérsias e Conveniências.** São Paulo, Plêiade, 2007.

BERNSTEIN, Richard J. **Beyond Objectivism and Relativism: Science, Hermeneutics, and Praxis.** Philadelphia: University of Pensilvânia Press. Philadelphia, 1983.

CALAZANS, Flávio Mário de Alcântara. **Ecologia e Biomidiologia.** São Paulo, Plêiade, 2002.

CARROLL, Archie B. **Corporate Social Responsibility. Business e Society.** Chicago, vol. 38, 268-295, 1999.

CAVALCANTE DE SOUZA, José. **Pré-Socráticos.** São Paulo, Editora Abril, 1982.

CERLETI, ALEJANDRO, KOHAN, WALTER. **A Filosofia No Ensino Médio.** BRASÍLIA: EDUNB, 1999

DESCARTES, René. **Discurso sobre o Método.** São Paulo, 1968.

DEWEY, John. **Pragmatismo e Outros Textos.** São Paulo, Abril Cultural, 1985.

DRUCKER, Peter. **O Novo Papel da Administração.** Coleção Harvard de Administração. São Paulo, Nova Cultural, 1986.

**Os Novos Paradigmas da Administração.** Revista Exame. P. 34 – 53. 24 Fev 1999.

DUFFY, Thomas M; JONASSEN David H. (Hrsg.). **Constructivism and the Technology of Instruction: A Conversation.** Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 1992.

FREIRE, Roberto de Barros. **Filosofia na Formação Universitária** In: Koan Walter (org). **Ensino de Filosofia – Perspectivas.** Belo Horizonte, Autêntica, 2005.

FRIEDMAN, Milton. **Capitalismo e Liberdade.** 2ª. ed. São Paulo, Nova Cultural, 1985.

HADDOCK LOBO, Roberto. **A Filosofia e sua Evolução: Pequena História do Pensamento Humano.** São Paulo, Edições Populares, 1982.

HELLER, Agnes. **A Filosofia Radical.** São Paulo, Brasiliense, 1985.

KUHN, Thomas. **La estructura de las Revolutiones Científicas.** Madrid, Ed. Fundo de Cultura Económica, 1975.

MASLOW, Abraham Harold. **Introdução à Psicologia do Ser.** Rio de Janeiro, Eldorado, 1968.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Elogio da Filosofia.** São Paulo, Documentos, 1970.

MONDIN BATTISTA. **Curso de Filosofia.** 3º. Volume. São Paulo, Paulinas, 1985.

NEEFS, Jacques: **La critique génétique: histoire d'une théorie. De la genèse du texte littéraire, Manuscrit, auteur, texte, critique** (A.Gresillon, ed), Tusson, Du Lérot, 1988.

RAND, Ayn. "Essentials of Objectivism". Last updated. Ayn Rand Institute. Disponível em: <http://www.aynrand.org/objectivism/essentials.html>. Acesso em 09/07/2009.

ROSA, Sanny S. da. **Construtivismo e mudança.** São Paulo: Cortez, 1997.

TRUC, Gonzáles. **História da Filosofia: O Drama do Pensamento através dos Séculos.** Porto Alegre, Globo, 1986.

VIEIRA, Sérgio Eduardo Fazanaro. **O Papel da Disciplina de Filosofia para nos Cursos Superiores de Administração.** Dissertação de Mestrado. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2007.